

Percepção e Reações da Sociedade sobre a Violência Contra a Mulher

PESQUISA IBOPE / INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO (2006)



Apoio
FORD FOUNDATION
UNIFEM

Parceria
IBOPE OPINIÃO
ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS





Percepção e Reações da Sociedade sobre a Violência Contra a Mulher

PESQUISA IBOPE / INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO (2006)

análise da pesquisa

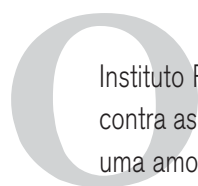
Fátima Pacheco Jordão

Realização
INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO

Apoio
FORD FOUNDATION
UNIFEM

Parceria
IBOPE OPINIÃO
ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS

PESQUISA DE OPINIÃO: UMA FERRAMENTA ESTRATÉGICA NA ÁREA SOCIAL



Instituto Patrícia Galvão encomendou uma nova pesquisa sobre violência contra as mulheres. Realizada pelo Ibope Opinião, em maio de 2006, com uma amostra representativa da população adulta brasileira, esta pesquisa contou com a análise de Fátima Pacheco Jordão e o apoio da Fundação Ford e do UNIFEM (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher).

Intitulada “Percepção e reações da sociedade sobre a violência contra a mulher”, esta pesquisa de opinião demonstra, com números e dados contundentes, que a sociedade não percebe com clareza a efetiva aplicação da lei nos casos de violência contra a mulher por todos os agentes que têm a responsabilidade de fazê-lo, desenvolvendo-se dessa forma uma sensação de impunidade e de ineficácia dos sistemas policial e judiciário.

Esta pesquisa dá continuidade ao trabalho que o Instituto Patrícia Galvão iniciou em 2004, ao realizar com o Ibope a pesquisa “O que pensa a sociedade sobre a violência contra as mulheres”, que revelou um alto grau de rejeição a esse tipo de violência. (Veja os dados dessa pesquisa no Portal Violência Contra a Mulher – www.violenciamulher.org.br).

O Patrícia Galvão considera que as pesquisas de opinião são ferramentas de ação de grande impacto junto à opinião pública, ao Executivo, ao Legislativo e ao Judiciário. Se muitas vezes os discursos e argumentos não conseguem sensibilizar e mover, uma pesquisa de opinião que evidencie a percepção da população frente a um dado problema tem o potencial de impactar e fomentar o debate e, ao mesmo tempo, de exigir respostas diretas dos poderes constituídos. Trata-se de uma ferramenta de comunicação estratégica e acessível, que permite um entendimento mais objetivo acerca das percepções, aspirações e tendências de pensamento da sociedade.

Jacira Vieira de Melo
Diretora

Principais resultados da Pesquisa Ibope / Instituto Patrícia Galvão (2006)

Cresce preocupação com a violência contra a mulher

- De 2004 a 2006 aumentou o nível de preocupação com a violência doméstica em todas as regiões do país, menos no Norte / Centro-Oeste, que já tem o patamar mais alto (62%). Nas regiões Sudeste e Sul o nível de preocupação cresceu, respectivamente, 7 e 6 pontos percentuais. Na periferia das grandes cidades esta preocupação passou de 43%, em 2004, para 56%, em 2006.
- 33% apontam a violência contra as mulheres dentro e fora de casa como o problema que mais preocupa a brasileira na atualidade.
- 51% dos entrevistados declaram conhecer ao menos uma mulher que é ou foi agredida por seu companheiro.
- Em cada quatro entrevistados, três consideram que as penas aplicadas nos casos de violência contra a mulher são irrelevantes e que a justiça trata este drama vivido pelas mulheres como um assunto pouco importante.
- 54% dos entrevistados acham que os serviços de atendimento a casos de violência contra as mulheres não funcionam.
- Nove em cada 10 mulheres lembram de ter assistido ou ouvido campanhas contra a violência à mulher na TV ou rádio.
- 65% dos entrevistados acreditam que atualmente as mulheres denunciam mais quando são agredidas. Destes, 46% atribuem o maior número de denúncias ao fato de que as mulheres estão mais informadas e 35% acham que é porque hoje elas são mais independentes.

Pesquisa Ibope / Instituto Patrícia Galvão (2006)

Foram realizadas 2.002 entrevistas pessoais em todos os estados brasileiros, capitais e regiões metropolitanas (142 municípios). Cidades menores foram selecionadas probabilisticamente, dentro da proporcionalidade por tamanho de município. A margem de erro máximo, para o total da amostra, é de 2 pontos percentuais para mais ou para menos. O intervalo de confiança estimado é de 95%.

- A grande maioria dos entrevistados aponta as seguintes punições para o agressor: ser preso (64%, na opinião tanto de homens como mulheres); prestar trabalho comunitário (21%); e doar cesta básica (12%). Um segmento menor prefere que o agressor seja encaminhado para: grupo de apoio (29%); ou terapia de casal (13%).
- Perguntados sobre o que acham que acontece quando a mulher denuncia, 33% dos entrevistados afirmaram que "Quando o marido fica sabendo, ele reage e ela apanha mais"; 27% responderam que não acontece nada com o agressor; 21% crêem que o agressor vai preso; enquanto 12% supõem que o agressor recebe uma multa ou é obrigado a doar uma cesta básica.

PESQUISA APONTA PERCEPÇÃO DE IMPUNIDADE PARA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Em cada quatro entrevistados, três consideram que as penas aplicadas nos casos de violência contra a mulher são irrelevantes e que a justiça trata este drama vivido pelas mulheres como um assunto pouco importante.

Com relação aos serviços de atendimento, 54% dos entrevistados acham que os mesmos não funcionam. Esta percepção é maior na periferia das cidades (59%).

Pergunta: Destas frases comumente ditas pelo povo sobre agressão contra as mulheres, gostaria de saber se concorda ou discorda de cada uma delas:

Amostra total em cada item	CONCORDAM	DISCORDAM
	%	%
• De maneira geral, a sentença de doação de cesta básica não é levada a sério por homens agressores	76	18
• Os homens que agredem as mulheres fazem isso porque sabem que não serão punidos	74	21
• A Justiça brasileira trata a violência contra as mulheres como um assunto pouco importante	71	24
• Os serviços de atendimento à mulher agredida não funcionam	54	37
• De uma maneira geral, a Justiça brasileira pune os agressores em caso de morte de mulheres	60	34
• De uma maneira geral, a Justiça brasileira pune os agressores em caso de violência contra as mulheres	49	44

Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

Por outro lado, 49% concordam que, de maneira geral, a Justiça brasileira pune os agressores e 60% acham que isso acontece nos casos de homicídios de mulheres.

CRESCE PREOCUPAÇÃO COM VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

33% apontam a violência contra as mulheres dentro e fora de casa como o problema que mais preocupa a brasileira na atualidade. Em 2004 essa preocupação era apontada por 30% dos entrevistados. Em 2006, a questão da violência preocupa ainda mais que outros problemas listados, como câncer de mama e de útero (18%) e AIDS (12%).

Pergunta: *Aqui estão alguns assuntos que as mulheres têm, nos últimos tempos, discutido bastante. Na sua opinião, qual destes temas mais preocupa a mulher brasileira atualmente?*

Pesquisas Ibope / Instituto Patrícia Galvão (2004 e 2006)	EM 1º LUGAR	
	SET. 2004	MAI. 2006
<i>Amostras totais (2.002)</i>		
	%	%
Violência contra mulher em casa	19	24
Violência contra mulher fora de casa / assédio sexual	11	9
Doenças como câncer de mama e útero	17	18
AIDS e o crescimento da AIDS entre mulheres	10	12
Igualdade de salários com homens	9	6
Falta de alternativas para deixar filhos para trabalhar fora	6	6
Formas de evitar filhos	10	7
Menores de rua	4	4
Ter uma profissão que goste	4	2
Legalização do aborto	2	2
Participação da mulher na política	2	2
Dividir tarefas domésticas com companheiro	2	3
Direito do consumidor	1	1
Nenhum / não opinou	4	3

Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

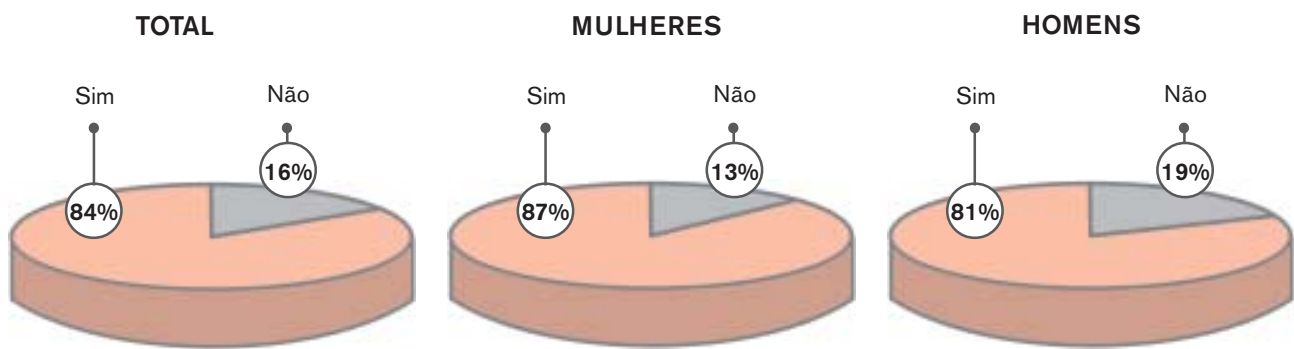
MAIORIA EXPRESSIVA LEMBRA DE CAMPANHAS NA MÍDIA

Este crescimento da preocupação da brasileira com a violência contra as mulheres pode estar associado à divulgação de campanhas na mídia alertando para o problema. Em 2006, depois da veiculação de diversas campanhas contra a violência à mulher (veja box) e de uma reação positiva da cobertura da mídia sobre o tema, observa-se uma taxa significativamente alta de lembrança de comunicação sobre a violência contra a mulher. **Nove em cada 10 mulheres têm alguma lembrança de campanha**, assim como pessoas de 25 a 29 anos (89%) e escolaridade superior (91%).

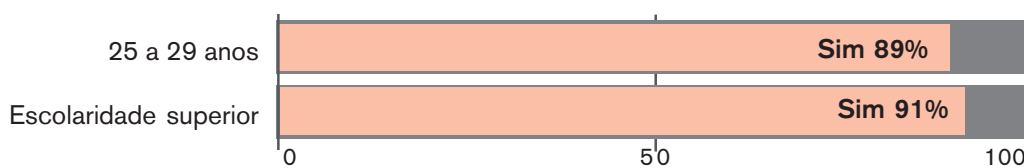


Campanhas do Instituto Patrícia Galvão, 2004 a 2006

Pergunta: Lembra de ter visto ou ouvido alguma campanha na TV ou no rádio nos últimos meses contra violência às mulheres?



SEGMENTOS QUE SE DESTACAM:



Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

Campanhas na Mídia sobre Violência Contra as Mulheres

Agende e organizações parceiras: "16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra as Mulheres" (www.agende.org.br/16dias).

Campanha do Laço Branco (www.lacobranco.org.br).

Cfemea: "As vitoriosas" (www.cfemea.org.br).

Instituto Patrícia Galvão: "Onde tem violência, todo mundo perde" e "Chega de esconder" (www.violenciamulher.org.br).

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres: "Sua vida recomeça quando a violência termina" (www.presidencia.gov.br/spmulheres).

Unifem: "Bem-Querer Mulher" (www.bemquerermulher.com.br).

VIOLÊNCIA E SAÚDE DA MULHER CONTINUAM COMO OS PRINCIPAIS PROBLEMAS

A tabela a seguir, que compara as pesquisas de 2004 e 2006 em relação à percepção dos entrevistados sobre quais seriam as três principais preocupações da mulher brasileira, confirma este crescimento, sobretudo com relação à violência doméstica. **Em 2006, 55% dos brasileiros percebem que esta é a questão que mais preocupa as mulheres.**

Observa-se ainda um crescimento de 2004 a 2006 entre as principais preocupações apontadas pelos entrevistados acerca de doenças como câncer de mama e útero e crescimento da AIDS entre mulheres. Por outro lado, revela-se um pequeno declínio da preocupação com planejamento familiar, igualdade salarial e escolha de uma profissão por vocação.

Pergunta: *Aqui estão alguns assuntos que as mulheres têm, nos últimos tempos, discutido bastante. Na sua opinião, qual destes temas mais preocupa a mulher brasileira atualmente? (Respostas múltiplas: 1º + 2º + 3º lugar)*

Pesquisas Ibope / Instituto Patrícia Galvão (2004 e 2006)	1º + 2º + 3º (*)	
	SET. 2004	MAI. 2006
<i>Amostras totais (2.002)</i>	%	%
Violência contra mulher em casa	50	55
Violência contra mulher fora de casa / assédio sexual	36	40
Doenças como câncer de mama e útero	39	44
AIDS e o crescimento da AIDS entre mulheres	26	30
Igualdade de salários com homens	24	19
Falta de alternativas para deixar filhos para trabalhar fora	23	20
Formas de evitar filhos	20	16
Menores de rua	14	13
Ter uma profissão que goste	13	8
Legalização do aborto	9	10
Participação da mulher na política	8	8
Dividir tarefas domésticas com companheiro	7	10
Direito do consumidor	5	4
Nenhum / não opinou	4	3

Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

(*) Respostas múltiplas.

VIOLÊNCIA FORA DE CASA PREOCUPA MAIS AS MULHERES

Não há diferença entre a percepção de homens e mulheres com relação à preocupação com a violência doméstica (55%). No entanto, mais mulheres (42%) do que homens (38%) afirmam que a violência fora de casa é um tema de preocupação da brasileira na atualidade. É possível que a experiência vivida pelas mulheres no espaço público as torne mais vulneráveis e, portanto, mais sensíveis do que os homens a respeito da violência na rua e do assédio sexual.

É importante ressaltar a diferença entre os sexos no que diz respeito à preocupação com doenças como câncer de mama e útero: 39% dos homens e 49% das mulheres. Outro aspecto em que a pesquisa apresenta diferença significativa entre a percepção de homens e de mulheres é com relação à preocupação com menores de rua: 8% dos homens e 17% das mulheres.

Pergunta: *Aqui estão alguns assuntos que as mulheres têm, nos últimos tempos, discutido bastante. Na sua opinião, qual destes temas mais preocupa a mulher brasileira atualmente? (1º + 2º + 3º lugar*)*

Amostra total (2.002)	MAIO 2006	
	MULHERES	HOMENS
	%	%
Violência contra mulher em casa	55	55
Violência contra mulher fora de casa / assédio sexual	42	38
Doenças como câncer de mama e útero	49	39
AIDS e o crescimento da AIDS entre mulheres	32	28
Igualdade de salários com homens	18	21
Falta de alternativas para deixar filhos para trabalhar fora	23	18
Formas de evitar filhos	15	16
Menores de rua	17	8
Ter uma profissão que goste	7	10
Legalização do aborto	10	9
Participação da mulher na política	6	9
Dividir tarefas domésticas com companheiro	9	10
Direito do consumidor	4	4
Nenhum / não opinou	1	5

Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

(*) Respostas múltiplas.

TODOS OS SEGMENTOS EXPRESSAM PREOCUPAÇÃO COM A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Conforme demonstrado, o crescimento da percepção sobre a preocupação da brasileira com a violência dentro de casa ocorreu em ambos os sexos nestes últimos 2 anos, porém mais intensamente entre moças e rapazes de 16 a 24 anos (9 pontos percentuais) e entre indivíduos de 30 a 39 anos (também 9 pontos percentuais). Os entrevistados com níveis médio e superior de escolaridade também apresentam crescimento (8 pontos percentuais). Observa-se ainda que aumentou o nível de preocupação com a violência doméstica em todas as regiões do país, menos no Norte / Centro-Oeste, onde já tem o patamar mais alto (62%).

Nas regiões Sudeste e Sul o nível de preocupação cresceu, respectivamente, 7 e 6 pontos percentuais. Na periferia das grandes cidades esta preocupação passou de 43%, em 2004, para 56%, em 2006. Isto é, a periferia apresentou o maior crescimento de preocupação com a violência dentro de casa (13 pontos percentuais). Nas cidades médias esta preocupação cresceu 6 pontos percentuais.

Perfil da preocupação sobre a violência contra a mulher dentro de casa (2004/2006)

(Consideram o problema que mais preocupa a brasileira; citam 3 da lista*)

Violência Contra a Mulher	DENTRO DE CASA	
	SET. 2004	MAI. 2006
Amostras nos segmentos		
	%	%
Total	50	55
Sexo		
Mulheres	51	55
Homens	49	55
Idade		
16 a 24 anos	51	60
25 a 29	55	57
30 a 39	46	55
40 e mais	49	52
Escolaridade		
Até 4ª série	49	54
5ª a 8ª série	53	52
Ensino médio	50	58
Ensino superior	47	55

Violência Contra a Mulher		DENTRO DE CASA	
		SET. 2004	MAI. 2006
Amostras nos segmentos		%	%
Regiões			
Norte / Centro-Oeste		62	62
Nordeste		53	55
Sudeste		47	54
Sul		45	51
Tipo de município			
Capital		55	56
Periferia		43	56
Interior		50	54
Tamanho de município			
Até 20 mil eleitores		48	49
Mais de 20 mil a 100 mil		49	55
Mais de 100 mil		51	56
Classificação social			
Classe	A/B	46	56
	C	47	54
	D/E	53	55

Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

* Respostas múltiplas.

Observando-se o perfil de preocupação em relação à violência doméstica nos últimos 2 anos, pode-se dizer que houve uma maior homogeneização das taxas entre os diferentes segmentos e que a grande maioria ficou em torno da média total de 55%.

O segmento que mais apresentou crescimento e que está acima da média de preocupação é o de jovens de ambos os sexos de 16 a 24 anos (60%) e pessoas com ensino médio (58%).

Nos segmentos mais privilegiados (classes A/B e C) a preocupação cresceu cerca de 10 pontos percentuais, igualando-se à taxa do segmento D/E.

Assim, **a pesquisa revela que a percepção sobre a preocupação com a violência contra a mulher atinge igualmente a maioria dos segmentos**, mostrando um possível impacto de campanhas educativas e de ações de comunicação de massa.

Perfil da preocupação sobre a violência contra a mulher na rua (2004/2006)

(Consideram o problema que mais preocupa a brasileira; citam 3 da lista*)

Violência Contra a Mulher		NA RUA / ASSÉDIO SEXUAL	
		SET. 2004	MAI. 2006
Amostras nos segmentos		%	%
Total		36	40
Sexo			
Homens		37	38
Mulheres		36	42
Idade			
16 a 24 anos		43	42
25 a 29		37	39
30 a 39		34	44
40 e mais		31	31
Escolaridade			
Até 4ª série		31	35
5ª a 8ª série		38	39
Ensino médio		42	45
Ensino superior		40	42
Regiões			
Norte / Centro-Oeste		35	47
Nordeste		34	39
Sudeste		39	40
Sul		34	34
Tipo de município			
Capital		40	41
Periferia		34	40
Interior		35	40
Tamanho de município			
Até 20 mil eleitores		33	35
Mais de 20 mil a 100 mil		32	40
Mais de 100 mil		40	42
Classificação social			
Classe	A/B	42	40
	C	40	42
	D/E	33	38

Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

* Respostas múltiplas.

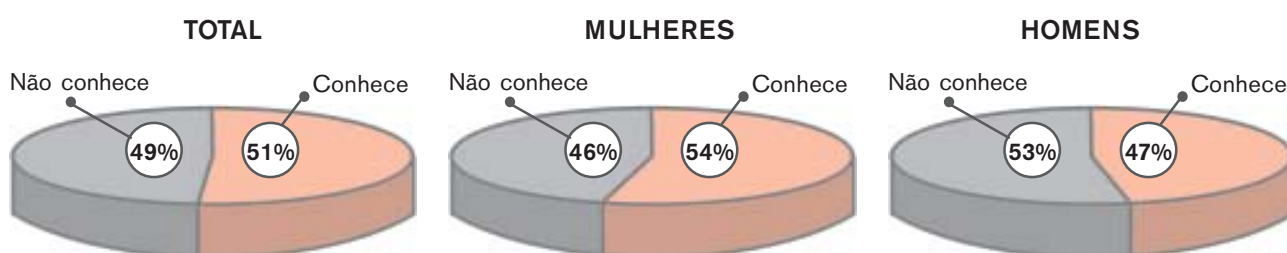
Observa-se um ligeiro crescimento da percepção da preocupação com a violência fora de casa e o assédio sexual nestes últimos 2 anos. Este crescimento foi mais intenso, sobretudo, entre as mulheres: a taxa passou de 36%, em 2004, para 42%, em 2006. No segmento das pessoas de 30 a 39 anos, o crescimento foi de 10 pontos percentuais, de 34%, em 2004, para 44%, em 2006. Nas regiões Norte / Centro-Oeste essa taxa passou de 35% para 47% e na periferia, de 34% para 40%. Nos domicílios médios passou de 32% para 40%.

Com relação à classe social, ocorreu também uma homogeneização da percepção da preocupação, mas, nesse caso, a preocupação com a violência fora de casa e o assédio cresceu mais entre os entrevistados da classe D/E.

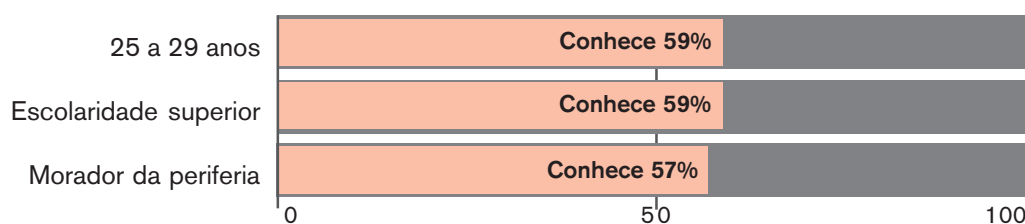
51% CONHECEM CASOS DE AGRESSÕES A MULHERES

Do total de entrevistados, 51% declaram conhecer ao menos uma mulher que é ou foi agredida por seu companheiro. Entre as mulheres este conhecimento é maior (54%). Os segmentos que expressam taxas maiores de familiaridade com esse drama são de pessoas de 25 a 29 anos (59%), com escolaridade superior (59%) e morador da periferia (57%).

Pergunta: *Conhece ou não conhece alguma mulher que sofre ou já sofreu agressões de seu companheiro?*



SEGMENTOS QUE SE DESTACAM:

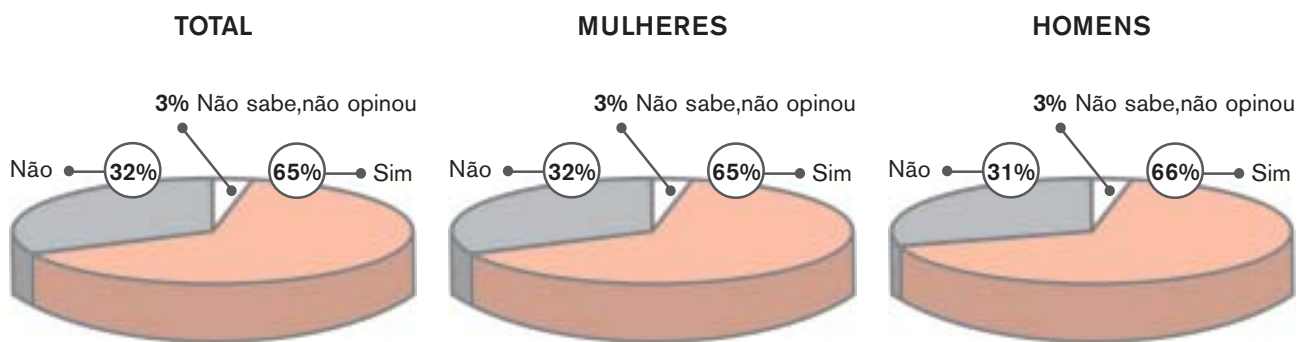


Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

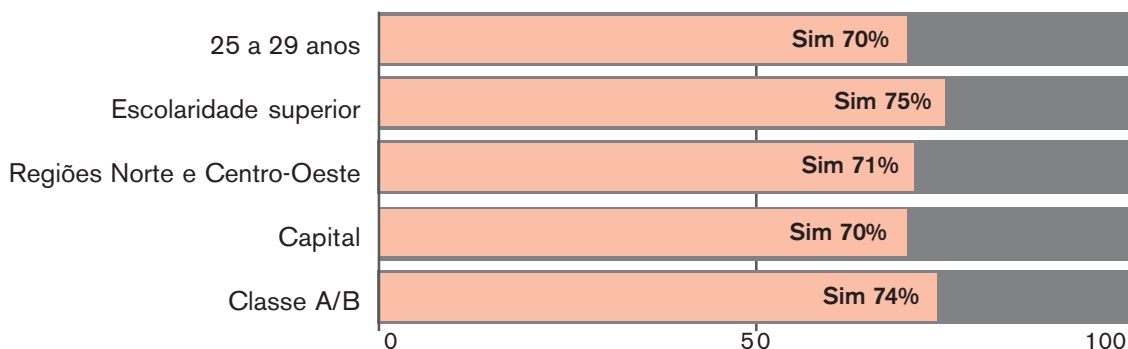
MAIORIA CRÊ QUE HOJE AS MULHERES DENUNCIAM MAIS

A percepção de que hoje as mulheres denunciam mais as agressões (65%) está muito acima da realidade da oferta de equipamentos e serviços especializados na atenção da violência contra a mulher. Sabe-se que há uma grande concentração de equipamentos e serviços nas grandes cidades e capitais do país. Considerando que a disseminação de equipamentos e serviços é muito menor do que a percepção da denúncia, é possível deduzir que há nessa resposta uma demanda do conjunto da sociedade por estes serviços.

Pergunta: Pelo que tem observado, acha que as mulheres hoje denunciam mais quando são agredidas por seus companheiros?



SEGMENTOS QUE SE DESTACAM:



Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

QUAIS SÃO AS RAZÕES PARA DENUNCIAR MAIS?

As observações anteriores são reforçadas quando se examinam as razões para o aumento destas denúncias. É maior a proporção daqueles que atribuem o maior número de denúncias à condição da mulher de hoje – mais informada e mais independente – do que à disponibilidade de serviços.

Pergunta: Na sua opinião, dentre essas opções, qual é a principal razão para que as mulheres denunciem mais?

	TOTAL	MULHERES	HOMENS
<i>Para quem respondeu Sim</i>	(1.304)	(675)	(629)
	%	%	%
Hoje elas têm mais informação	46	45	47
Hoje as mulheres são mais independentes	35	38	33
Hoje existem mais serviços de denúncias	16	14	18
Outra razão / não sabe / não opinou	3	3	3

Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

E AS RAZÕES PARA NÃO DENUNCIAR?

Do total de entrevistados, 32% acham que as mulheres não estão denunciando mais e as razões que apontam são: porque acreditam que a denúncia desagrega o casamento (25%) e só faz aumentar a violência em casa (28%). Há uma parcela (19%) que atribui o fato de a mulher não denunciar à impunidade do agressor, enquanto outra parcela (15%) aponta como causa a dependência econômica.

As razões da não-denúncia não variam entre homens e mulheres, com exceção da dependência econômica – as mulheres (18%) apontam mais essa razão do que os homens (12%).

Pergunta: Na sua opinião, dentre essas opções, qual é a principal razão para que as mulheres não denunciem mais?

	TOTAL	MULHERES	HOMENS
<i>Para quem respondeu Não</i>	(638)	(338)	(300)
Porque ...	%	%	%
A denúncia só faz aumentar a violência em casa	28	28	28
Para preservar casamento e família	25	24	26
Não acontece nada com o agressor	19	18	20
Ela depende economicamente do companheiro	15	18	12
Não tem onde denunciar	3	3	4
Família / delegado aconselham a não denunciar	1	1	0
Outra razão	6	6	6
Não sabe / não opinou	3	1	4

Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

MAIORIA ACHA QUE AGRESSOR DEVE SER PUNIDO

A grande maioria dos entrevistados prefere as seguintes punições para o agressor: ser preso (64%, na opinião tanto de homens como mulheres); prestar trabalho comunitário (21%); e doar cesta básica (12%). Um segmento menor prefere que o agressor seja encaminhado para: grupo de apoio (29%); ou terapia de casal (13%).

Um dos chavões máximos da omissão – “Em briga de marido e mulher não se mete a colher” – já não é mais realidade; apenas 3% dos entrevistados escolheram a alternativa “Casos de agressão são problema do casal. Ninguém deve interferir”.

Pergunta: Na sua opinião, se um homem agride com frequência sua companheira, o que deve acontecer com ele? (*)

	TOTAL	MULHERES	HOMENS
<i>Total amostra</i>	(2.002)	(1.045)	(957)
	%	%	%
Ser preso	64	64	65
Ser encaminhado a curso ou grupo de apoio para ajudá-lo a mudar o comportamento agressivo	29	33	25
Ser obrigado a prestar trabalho comunitário	21	21	21
Levar advertência de delegado	17	16	19
Participar de terapia de casal	13	14	12
Ser obrigado a doar cesta básica	12	12	13
Casos de agressão são problema do casal. Ninguém deve interferir	3	3	3
Não sabe / não opinou	2	2	3

Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

(*) Respostas múltiplas.

O QUE ACONTECE QUANDO A MULHER DENUNCIA?

A situação descrita anteriormente, de preferência por uma punição ao agressor, contrasta com a percepção dos entrevistados, pois **60% observam que, quando as mulheres denunciam, nada acontece ao agressor (27%) ou o agressor reage e a mulher volta a ser agredida (33%).**

Pergunta: Pelo que conhece ou ouviu falar, quando a mulher denuncia essas agressões, o que acontece?

	TOTAL	MULHERES	HOMENS
<i>Total amostra</i>	(2.002)	(1.045)	(957)
	%	%	%
Quando marido fica sabendo, ele reage e ela apanha mais	33	36	29
Não acontece nada com o agressor	27	27	27
O agressor vai preso	21	18	24
Agressor recebe multa ou é obrigado a doar cesta básica	12	11	13
Outros	2	2	2
Não sabe / não opinou	5	4	5

Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

Com relação às conseqüências da denúncia, observam-se algumas variações regionais. A impunidade é mais percebida nas regiões Sudeste e Sul: nada acontece com o agressor (38% no Sul) ou a mulher volta a apanhar (36% no Sudeste); enquanto no Norte / Centro-Oeste 34% acham que o agressor vai preso, contra 13% no Sudeste e 17% no Sul.

Pergunta: Pelo que conhece ou ouviu falar, quando a mulher denuncia essas agressões, o que acontece?

	REGIÃO				
	TOTAL	NORTE / CENTRO-OESTE	NORDESTE	SUDESTE	SUL
<i>Total amostra</i>	<i>(2.002)</i>	<i>(266)</i>	<i>(532)</i>	<i>(896)</i>	<i>(308)</i>
	%	%	%	%	%
Quando marido fica sabendo, ele reage e ela apanha mais	33	26	33	36	29
Não acontece nada com o agressor	27	25	21	27	38
O agressor vai preso	21	34	31	13	17
Agressor recebe multa ou é obrigado a doar cesta básica	12	10	10	15	11
Outros	2	1	2	3	2
Não sabe / não opinou	5	5	4	5	4

Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

MAIORIA APONTA DELEGACIA DA MULHER COMO SERVIÇO MAIS PROCURADO

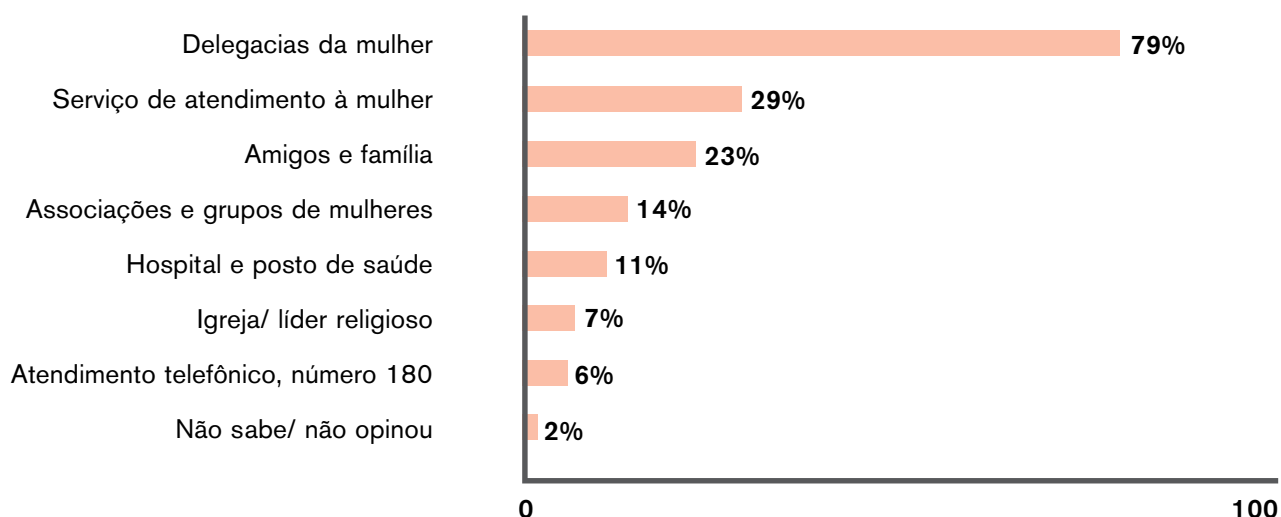
A grande maioria indica a delegacia da mulher (79%) ou serviços de atendimento à mulher (29%) como os que podem ser procurados em caso de violência.

Considerando que estes equipamentos e serviços não estão amplamente disseminados, pode-se afirmar que estas respostas expressam mais a demanda por esses serviços do que o efetivo comportamento das mulheres.

Pergunta: Quando uma mulher é agredida pelo companheiro, que tipo de serviço ou apoio ela pode procurar? (*)

	GRAU DE INSTRUÇÃO				
	TOTAL	ATÉ 4ª SÉRIE	5ª A 8ª SÉRIE	ENSINO MÉDIO	ENSINO SUPERIOR
<i>Total amostra</i>	(2.002)	(712)	(463)	(610)	(217)
	%	%	%	%	%
Delegacias da mulher	79	73	80	82	88
Serviço de atendimento à mulher	29	22	30	32	41
Amigos e família	23	23	25	24	19
Associações e grupos de mulheres	14	12	16	15	16
Hospital e posto de saúde	11	12	10	12	9
Igreja/ líder religioso	7	11	6	7	2
Atendimento telefônico, número 180	6	4	7	7	6
Não sabe/ não opinou	2	4	0	0	1

TIPOS DE SERVIÇO OU APOIO MAIS PROCURADOS:



Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

(*) Respostas múltiplas.

METODOLOGIA DA PESQUISA IBOPE / INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO

Campo: de 17 a 22 de maio de 2006.

Universo e amostra: população brasileira de 16 anos ou mais. Foram realizadas 2.002 entrevistas pessoais, representativas da população adulta brasileira (mais de 16 anos). As entrevistas foram realizadas em 142 municípios. Todas as capitais e regiões constaram da amostra.

Margem de erro máxima: 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, sobre os resultados com base no total da amostra (intervalo de confiança estimado de 95%).

Segmentação da amostra

<i>Amostra total</i>	<i>(2.002)</i>
	%
Total	100
Sexo	
Mulheres	52
Homens	48
Idade	
16 a 24 anos	24
25 a 29	12
30 a 39	22
40 a 49	19
50 anos e mais	23
Escolaridade	
Até 4ª série	36
5ª a 8ª série	23
Ensino médio	30
Ensino superior	11
Regiões	
Norte / Centro-Oeste	13
Nordeste	27
Sudeste	45
Sul	15





<i>Amostra total</i>	<i>(2.002)</i>
	%
Tipo de município	
Capital	27
Periferia	14
Interior	59
Tamanho de município	
Até 20 mil eleitores	15
20 a 100 mil	31
Mais de 100 mil	53
Renda familiar	
Mais de 10 salários mínimos	4
De 5 a 10 sm	11
De 2 a 5 sm	32
De 1 a 2 sm	28
Até 1 sm	18
Não opinou	7
Critério econômico Brasil	
Classe A/B	17
C	40
D/E	43

Fonte: Ibope / Instituto Patrícia Galvão, 2006.

realização

Instituto Patrícia Galvão

parceria

Ashoka Empreendedores Sociais

Ibope Opinião

apoio

Fundação Ford

Unifem – Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher

coordenação

Jacira Melo

análise da pesquisa

Fátima Pacheco Jordão

colaboração

Ana Flávia d'Oliveira

Lenira Silveira

Rachel Moreno

Sergio Barbosa

Simone Diniz

Sonia Nascimento

edição

Marisa Sanematsu

capa, projeto gráfico & diagramação

Paulo Batista

2006

Instituto Patrícia Galvão – Comunicação e Mídia

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 2.050, cj. 141 - B

01318-002 – São Paulo / SP

Tel.: (11) 3266-5434 – Telfax: (11) 3285-4951

ipgalvao@uol.com.br / www.patriciagalvao.org.br

Portal Violência Contra a Mulher: www.violenciamulher.org.br

Blog Mulheres de Olho nas Eleições: www.mulheresdeolho.org.br

O QUE É O INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO

O Instituto Patrícia Galvão - Comunicação e Mídia é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, criada em 2000. As sócias-fundadoras do Patrícia Galvão atuam há mais de 20 anos no campo da comunicação política e dos direitos das mulheres.

Suas **áreas de trabalho** são a comunicação e a mídia, consideradas estratégicas nos projetos de transformação cultural, social e política.

Seu **ideal** é uma comunicação de massa cada vez mais democrática, plural, não-sexista e não-racista.

Seu **objetivo** é colaborar para a construção, na mídia, de uma imagem de mulher mais adequada à realidade e ao protagonismo das mulheres na sociedade brasileira.

O Instituto Patrícia Galvão entende que as tarefas desafiadoras colocadas no campo da comunicação política não podem ser enfrentadas isoladamente. O Patrícia Galvão orienta seus projetos e ações para fomentar, incentivar, impulsionar e influir na formação de alianças estratégicas para a realização de ações de impacto.

O Instituto Patrícia Galvão, nos seus cinco anos de atividade, tornou-se uma referência para a mídia quando o tema em pauta é violência contra a mulher. Com o Portal Violência Contra a Mulher, que visa subsidiar o trabalho da imprensa; com as pesquisas de opinião sobre violência contra a mulher (2004 e 2006); e com as campanhas televisivas *Onde Tem Violência*, *Todo Mundo Perde* e *Chega de Esconder*, o Patrícia Galvão tem atuado no campo da comunicação e da mídia com ações e produtos inéditos, qualificados e de grande impacto.

Quem foi Patrícia Galvão

Patrícia Rehder Galvão (1910-1962), conhecida como Pagu, foi jornalista, escritora e ativista política. Para saber mais, leia: *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão* (Agir, 2005) e *Pagu Patrícia Galvão: livre na imaginação, no espaço e no tempo*, de Lucia M.T. Furlani (Unisanta, 1999).

Instituto Patrícia Galvão – Comunicação e Mídia

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 2.050, cj. 141 - B

01318-002 – São Paulo / SP

Tel.: (11) 3266-5434 – Telfax: (11) 3285-4951

ipgalvao@uol.com.br / www.patriciagalvao.org.br

Portal Violência Contra a Mulher: www.violenciamulher.org.br

Blog Mulheres de Olho nas Eleições: www.mulheresdeolho.org.br